

O íntimo ¹

“O trauma não há outro:
o homem nasce mal-entendido.”
J. Lacan ²

O real da experiência

Somos devedores de Freud e de Lacan por nos ter transmitido a importância do real da experiência. De nossa parte, temos de levar em conta esta descoberta. Isso não é evidente: inapreensível, não pode ser posto num lugar e, se pensarmos segundo a lógica egóica que podemos deslocá-lo, nos esquecemos de que é ele que nos desloca. Portanto, o que será que faz com que um analista aceite não se livrar dele? O que significa incumbir-se dele?

Quanto a mim, sou devedor de Alain Didier-Weill, já que também encontrei primeiramente seu vestígio em seus escritos e, em seguida, em nossas trocas frequentes desde o congresso da revista *Apertura* sobre “*Le Witz et l’interprétation*” [“O chiste e a interpretação”], de abril de 1989, em Estrasburgo.

De minha parte, tentarei lhes transmitir o enigma, tendo como perspectiva a existência de um encontro comumente mantido velado pelo eu, mas que também pode se revelar se o reconhecimento do real, no segredo de uma certa relação com o exterior radical que teremos de definir, não é impossível.

De *heimlich* a *unheimlich* e retorno

Em 1919, Freud escreveu *Das Unheimliche*³, traduzido em francês por “A inquietante estranheza”. Nesse texto, em que *heimlich* corresponde a “familiar” e *unheimlich* a “oculto”⁴, ele propõe que a passagem do primeiro ao segundo seja a obra do recalque secundário que a língua alemã escreve com o prefixo *un-* de *un-heimlich*. O problema é que esse segredo não se sustenta mais quando os “complexos infantis recalcados são reanimados por alguma impressão exterior”⁵. Com que, então, surge no grande dia “tudo o que precisaria permanecer oculto”⁶, *Das Unheimliche*, o “angustiante que se mostra novamente”⁷ por conta do desaparecimento dos limites estabelecidos pelo recalque secundário.

Essa construção se apóia numa passagem que dá certa continuidade ao consciente e ao inconsciente segundo a economia do princípio do prazer e do desprazer. Freud sempre sustentou esse inconsciente ser constituído como recalque secundário, memória inconsciente. É a ele (o inconsciente) a que Freud se refere para a passagem de *heimlich* a *das Unheimlich* e a seu retorno.

O importante para nós é que esse movimento controlado pelo eu, cujo fracasso é a origem de *Unheimlich*, não o satisfaz. Ele faz corajosamente parte de seu embaraço. Partiremos daí.

¹ Uma primeira abordagem, intitulada “Heimlich-unheimlich” foi exposta no colóquio de Besançon sobre “A dialética secreta do inconsciente freudiano” nos dias 10 e 11 de novembro de 2001. O só-depois resultou nessa elaboração sobre “O íntimo”.

² J. Lacan. Seminário *O mal-entendido*, de 10/06/80.

³ S. Freud, “L’inquietante étrangeté”, *Essais de psychanalyse appliquée* [“A inquietante estranheza. Ensaios de psicanálise aplicada”]. Idées/Gallimard, pp. 163-210.

⁴ *Ibid.*, p. 173.

⁵ *Ibid.*, p. 205.

⁶ *Ibid.*, p. 173.

⁷ *Ibid.*, p. 194.

O chamado do pai simbólico

Com insistência, Freud se pergunta o que faz com que “o homem da areia” □ figura maléfica do pai representada pelo personagem de Copélio, depois Coppola □, não cesse de voltar? Qual é o saber do olhar terrível ao qual é subjugado porque sempre paralisa Natanael em suas respostas que vão do berro à condenação à morte?

Freud é interrompido por algo que lhe escapa e que ele chama “desmancha-prazeres do amor”⁸. Ele pressente o inestimável valor disso porque questiona novamente a pertinência das “fronteiras legítimas” do recalque secundário que não pode assumir seu retorno das “primitivas convicções superadas que se apresentariam novamente para que um acusado de recepção lhe seja dado”⁹ Qual será o encontro que ele promove para ser compelido a invocar o “retorno dos mortos à vida?”¹⁰

Suponho que Freud está na via da transcendência da lei simbólica cuja singularidade é a de extrapolar qualquer regra já fixada por um juiz, apoiando-se no que é aceitável no universo já previsto pela lei. Ele não sabe que lhe vem a “inquietante estranheza” já encontrada vinte anos antes nos textos nos quais se deparou com o poder e o saber do significante além da significação.

O que faz com que ele não possa receber, sob a máscara da figura maléfica do pai que retorna, o chamado trazido a quem de direito, a um pai transcendente, pai maior do que a figura à qual se dirigem o amor e a hostilidade edipianas? Trata-se de uma muralha não ultrapassada por Freud que limita sua prática. Por outro lado, seu ensino não pára aí onde ele parou. À semelhança de Lacan cuja distinção, metodicamente proposta a partir do real, do simbólico e do imaginário, traz à existência este pai simbólico, permite levar em conta sua origem languageira, sua nomeação como Significante do Nome-do-Pai e sua transmissão no temor. O que se pode deduzir daí?

Se o retorno do “homem da areia” é traumático para Natanael, é porque, sem poder se relacionar com a transcendência do pai simbólico, ele está em contato real com o pai no real no sentido do lugar onde ele está, nesse exterior para ele maldito, o real onde reina a uma lei persecutória. Ele não pode se relacionar com o pai simbólico porque há nele, em seu interior secreto, uma parte em suspensão de simbolização que, com Lacan, chamamos o real. Está imediatamente estabelecida, fora da palavra, uma súbita continuidade real que paralisa, sendo o berro uma das respostas ainda possíveis, ainda que a condenação à morte seja a última e total oferta em resposta à fascinação desse deus obscuro, porque no real.

Na verdade, o que mostra a experiência da transferência na qual podemos colocar a confusão de Freud, é que “esse saber no real ... que diz a verdade mas não fala”¹¹ demanda absolutamente ... Mas como ouvir uma demanda silenciosa? No fim de seu texto, ele revela o horizonte de seu encaminhamento fazendo apelo, uma segunda e última vez, ainda¹², ao enigma “da solidão, do silêncio e da obscuridade”¹³ e deixa esse dado trabalhar em nós.

A suspensão de Freud o marcou, nada será mais como antes, eis um novo desenvolvimento: o do “Além do princípio do prazer”. O angustiante que se mostra novamente dando vazão a *das Unheimlich* não pode mais ser considerado como retorno do recalque secundário. Sua aparição corresponde a um outro tempo que nenhuma memória pode recuperar. Uma vez que esse desenvolvimento escapa ao controle do eu, deixemo-nos surpreender por sua aparição numa formação do inconsciente que visa a responder a um momento em que o eu foi eclipsado □ o sonho. Examinemos aquela da “criança morta que pega fogo” que Freud comenta no início do capítulo VII da *Interpretação dos sonhos*.

⁸ *Ibid.*, p. 182.

⁹ *Ibid.*, p. 205, é nossa tradução.

¹⁰ *Ibid.*, p. 201.

¹¹ J. Lacan. Seminário *L'insu que sait de l'une bévue s'aile à mourre*, 15/02/77.

¹² J. Lacan, Seminário XX.

¹³ S. Freud, op. cit. p. 210.

O sonho e a consistência do olho da consciência

Um pai que acaba de perder seu filho, morto após uma longa doença durante a qual ele se desdobrou em cuidados, vela seu cadáver. Cansado, decide confiá-lo a um senhor de idade. Após algumas horas de sono, sonha o seguinte:

Vê que seu filho está perto de sua cama, segurando-lhe a mão e dizendo-lhe num tom de censura: □ Pai, não vês que estou em chamas? Despertado imediatamente, precipita-se ao quarto onde fica tomado pela visão das chamas que ardem no leito onde jaz o corpo de seu filho que começa a queimar. O que isso significa?

Vamos ao conteúdo manifesto: a realidade do ruído do fogo despertou subitamente o sonhador que não consegue esquecer a representação do que vê. As imagens do despertar o imobilizam ainda mais por conta do remorso que a memória associa à consciência para manter sempre presente o deplorável acidente da realidade que ele poderia ter evitado: a chama de uma das velas não teria caído sobre o leito fúnebre se ele e/ou o senhor de idade a quem ele confiou seu filho não tivessem adormecido.

A atrocidade desse espetáculo pode imobilizar, fazendo esquecer que o sonho pode, sobretudo, se abrir a outra coisa. Desta forma, uma volta sobre as imagens do sonho e suas representações não tardarão a esclarecer que o guia que as impõe tem certeza do que mostra, que ele não poderia enganar nem se enganar, já que é o olhar da consciência, aquele que tudo sabe porque jamais se ausenta. Quando o sonhador voltar várias vezes sobre o visível, poderá se surpreender em conceber que a consistência desse olhar é completamente suspeita porque se paralisa na cegueira daquilo que é já conhecido como visível e na surdez daquilo que não se ouve senão da significação.

Portanto, não vamos tentar dialogar com esse cego no âmbito do *ainda não visto* e com esse surdo no âmbito do *ainda não ouvido*, mas distingamos sua importância daquela da experiência do inconsciente. Na verdade, se esta leva à mudança, aquela não pára de se lhe opor: “anti-inconsciente”, clama Lacan¹⁴. Chegaremos à outra cena que subverte o campo do olhar da consciência e da realidade percebida, já que ela se desdobra entre percepção e consciência.

O sonho e o movimento pulsional

A causa do sonho

O gênio de Freud foi ter demonstrado o que está na origem do sonho que se reúne sob a classificação de “restos diurnos” é um encontro fracassado, uma vez que o fragmento de realidade psíquica afetou a vigília, na ocasião de um fato da realidade quotidiana, ficou em suspenso. Por meio de seu sonho, o sonhador propõe um novo encontro, fazendo um apelo à palavra para sair da suspensão.

Isso não é evidente. De um lado, com o sonho estamos num tempo diverso; de outro, a encenação torna o encontro diferente. “Que encontro poderá haver doravante com esse ser inerte para sempre □ mesmo sendo devorado pelas chamas □ senão esse que se passa justamente no momento em que a chama, acidentalmente, como por acaso, vem a ele se reunir? Onde será que está a realidade nesse acidente?” pergunta Lacan¹⁵ que não se esquece do movimento pulsional na origem de todo encontro, “*Trieb a vir.*”¹⁶

¹⁴ J. Lacan, Seminário citado, 15/02/1977.

¹⁵ J. Lacan, Seminário *Les quatre concepts fondamentaux de la psychanalyse*. Seuil, p. 57.

¹⁶ *Ibid.*, p. 59.

“Umbigo” do sonho e real originário

Quando tudo está adormecido, modo de significar o campo de representações regidas pela ausência de tensões que o princípio do prazer realiza, de repente surge uma voz que se faz ouvir depois que se ausenta, rompendo a harmonia pré-estabelecida. O que será que aparece nessa ruptura do discurso, “umbigo” do sonho no dizer de Freud desde 1900, senão a outra cena, a do sonho, oferenda?

Um novo tempo e um novo espaço imediatamente recoberto pelo despertar da consciência. Qualquer que seja a atrocidade da visão, podemos supor que é dessa novidade, “umbigo” para a constituição do sujeito, real originário, que o sonhador, sem ainda o saber, não pára de falar, porque o objeto olhar o obtura, já que *não* está *ainda* constituído como perdido.

Com efeito, não é impossível, ainda que não tenhamos as associações que sempre fazem parte do sonho, que esse pai volte ao encontro faltoso com a revelação furtiva e terrível do real do olhar encontrado na imobilidade dos olhos dos restos mortais de seu filho ou associado a uma palavra trocada a propósito da febre antes de sua morte. O pai havia pensado em esquecer esse olhar encontrado no exterior hostil, mas esse olhar não o esqueceu, ainda que a tela dos pródigos desvelos pudesse generosamente escondê-lo um tempo.

Aquilo que ousa interpretar a outra cena do sonho é o fato de que qualquer coisa possa transmutar o *mal entendido*, origem de *Unheimlich*, em *bem entendido* no medo na origem do íntimo que é o *heimlich*, dado que a perseguição do olhar exterior depôs as armas. O surgimento do medo, efeito do pai simbólico, é a criação que liberta a perseguição. Ela testemunha de um exterior à parte na origem de um encontro até então inesperado entre pai e filho? Como será que o sonho testemunha a existência deste outro lugar entre pai e filho? Como será que o sonho testemunha a existência deste outro lugar originário?

Retorno pulsional e “ex-timo”¹⁷

O retorno ao sonho poderá guiar este pai na compreensão e recepção do chamado de uma força constante, voz do pai simbólico¹⁸, cujo dizer ressoa no furo umbilical do sonho. O que pode ser aí ouvido, o apelo da pulsão invocante¹⁹, cria um retorno, o da pulsão escópica, que transforma **quem vê, reduzido a objeto olhado, em observador que se autoriza a si mesmo**²⁰, dado que **se faz puro olhar**.

Retomemos esse movimento específico da dinâmica da pulsão. Ao perceber o movimento de apelo significativo da pulsão invocante cuja singularidade é de não obedecer aos limites impostos, pela significação, recebe-o e simultaneamente descobre □ nisso consiste o inesperado do encontro □ que esse apelo invoca uma parte invisível para o olho, sendo tudo visível para o olhar portador da alteridade que vem ao seu encontro.

Na verdade, os dois movimentos pulsionais sustentados pela alteridade, aquele da pulsão invocante e o da pulsão escópica, dão-se as mãos ao mesmo tempo: isso que transmite o ilimitado da significância na origem do movimento do novo. Como será que o sonho desse pai poderá interpretar este passo?

¹⁷ Lacan cria um neologismo. Contrapõe, em francês, *in-time* [*in-timo*, em português] a *ex-time* [ex-timo, em português]. Faz isso como se, na palavra *íntimo*, *in-* fosse prefixo que indica *interior*; e, em *ex-timo*, que existe nas virtualidades do sistema lingüístico, usa *ex-* como se fosse um prefixo que indica “fora de”, “exterior”. No texto, *ex-time* [“ex-timo”, em português, aproximadamente] indica o encontro do exterior mais exterior possível com o mais íntimo interior, “*ex-time*”, em francês. Ou, em outras palavras, “o mais exterior do íntimo do sujeito e o mais interior da exterioridade do Outro”. Ver, também, nota 3 do texto “Uma presença anônima”. N.T.

¹⁸ Jean Charmaile, *La voix du père symbolique*. Lettres de la S.P.F., n° 6, pp. 81-94.

¹⁹ Este desenvolvimento faz eco com a forma pela qual Alain Didier-Weill desenvolveu (“Les trois temps de la loi” [“Os três tempos da lei”], Seuil, 1995, e “Invocations” [“Invocações”], Calman-Lévy, 1998) a dialética de uma pulsão muito singular, a pulsão invocante, não nomeada por Freud e citada por Lacan como “a experiência mais próxima do inconsciente”, em 4/3/64.

²⁰ No sentido de que não é mais do Outro, mas do furo em seu saber que ele se autoriza.

A visão das chamas que cegavam aquele pai que via desvairado o espetáculo do mundo visível foi substituída, com o apelo do Significante do Nome-do-Pai²¹, por um puro significante, **chama**. Esta metáfora originária, criação do sonho, é origem de uma significância que irradia e abraça a parte de real que se reconhece imediatamente como simbólico. Significante sem lastro de qualquer significação, **chama**, promovido a lugar ilimitado de encontro do exterior mais exterior e do mais íntimo interior, “*ex-time*” (Lacan). O autor desse novo lugar de encontro é anônimo, ele é, não há por que duvidar disso, *ein neues Subjekt* [“um novo sujeito”] no sentido de Freud, que Lacan transmite por “ele é novo de ver surgir um sujeito”.²²

O íntimo absoluto

Podemos encontrar a dialética secreta que nodula o exterior radical e o mais íntimo dos íntimos desde que o ser falante se ponha a falar. Será que não é esse encontro que, sem o saber, uma adolescente descobre quando de sua primeira conversa? Quando ela descreve as vicissitudes de sua anorexia mental, surpreende-se ao evocar o fato de que quando ela toca a flauta, percebe que uma parte dela mesma desaparece quando pára de tocar. O que não cessa de surpreender é que, de modo sempre inédito, o fato de os sons musicais, tão-somente eles, lhe permitir gozar deste íntimo absoluto, *heimlich*, tanto para ela, porque ele escapa de seu querer, quanto para os olhares predadores que tudo vêem, cuja perseguição, *Unheimlich*, desarmada pelo que “se ouve” agora, a abandona. O que ela não sabe que demanda de forma absoluta, provavelmente é a disposição íntima que é o tempo ilimitado da significância indireta e rapidamente avistada.

Dezembro de 2001

Jean CHARMOILLE

²¹ Outra forma de dar conta do apelo da pulsão invocante.

²² J. Lacan, op. cit. p. 162.